



**UNIVERSIDADE FEDERAL
DE SANTA CATARINA**

UFSC NA MÍDIA - CLIPPING



Agcom
Agência de
Comunicação
da UFSC

27 e 28 de fevereiro de 2016

Diário Catarinense
Moacir Pereira
"A lista"

A lista / Conselho Universitário / UFSC / Lista tríplice / Ministério da Educação / Luiz Carlos Cancellier / Brasília / Reitor

A LISTA

Conselho universitário da UFSC elegeu a lista tríplice que será enviada ao Ministério da Educação para nomeação do novo reitor. É encabeçada pelo professor Luiz Carlos Cancellier, que recebeu 38 dos 49 votos dos conselheiros. A nominata segue agora para Brasília. A posse do novo reitor será em maio.

Notícias do Dia

Carlos Damião

"UFSC amplia CCE"

UFSC amplia CCE / Curso de Artes Cênicas / Curso de Cinema / Curso de Design / UFSC / Prédio novo / Bloco D / Centro de Comunicação e Expressão

UFSC amplia CCE

Cursos de Artes Cênicas, Cinema e Design da UFSC ganham prédio novo, com oito andares, nesta segunda-feira. O edifício, construído desde 2013, teve o custo de R\$ 13 milhões e é chamado de Bloco D do Centro de Comunicação e Expressão. Além das salas de aula, a edificação terá espaços para laboratórios e salas de projetos, sendo algumas com isolamento acústico.

Diário Catarinense
Mônica Jorge
"Berbigão para sempre"

Berbigão para sempre / Florianópolis / Reserva Extrativista Marinha de Pirajubaé / Resex / Molusco / Campanhas por Orgulho / ONG Rare / Brasil / Floripa / Baía de Iguape / Canavieiras / Bahia / Prainha do Cantro Verde / Ceará / Curupuru / Manaus / Delta do Parnaíba / Piauí / Instituto Chico Mendes de Conservação da Biodiversidade / ICMBio / UFSC / Prefeitura de Florianópolis / Coletivo UC da Ilha / Associação Caminhos do Berbigão



MÔNICA JORGE
monica.jorge@diariocatarinense.com.br

Berbigão para sempre

Será lançada hoje, em Florianópolis, na Reserva Extrativista (Resex) Marinha de Pirajubaé, a campanha Berbigão para Sempre. O objetivo é recuperar os estoques naturais do molusco tradicional da Ilha. Esta será a estreia das Campanhas por Orgulho, promovidas pela ONG Rare, no Brasil. Além de Floripa, outras cinco cidades brasileiras terão projetos contemplados

nas Resex Baía de Iguape e Canavieiras (na Bahia), Prainha do Cantro Verde (no Ceará), Cururupu (em Manaus) e Delta do Parnaíba (no Piauí). A ONG Rare desenvolve metodologia baseada em ferramentas de marketing social para impulsionar mudanças de comportamento que beneficiem a natureza e a qualidade de vida nas comunidades costeiras de pescadores. O trabalho em SC terá o apoio do Instituto Chico Mendes de Conservação da Biodiversidade (ICMBio), UFSC, prefeitura, Coletivo UC da Ilha e Associação Caminhos do Berbigão. O projeto que inicia hoje deverá se estender por dois anos e meio.

Limites da "renovação" na política / Ministério Público / Santa Catarina /
Censo Legislativo Municipal Catarinense / UFSC / Escola do Legislativo /
Assembleia Legislativa

OPINIÃO | VOZES

Limites da "renovação" na política

Mesmo que você não more em uma das cidades catarinenses cujos vereadores são investigados pela polícia ou pelo Ministério Público, provavelmente nutre esperanças nas eleições de 2 de outubro, chance de promover a limpeza pelo voto, de levar sangue novo (e honesto) para o Legislativo. Os tempos são de ceticismo com a política, e muitos eleitores confiam na ideia de renovação como um sinal de boa democracia. Só que o campo político é bastante fechado, o que não apenas dificulta a oxigenação dos mandatos, como torna os eleitos muito parecidos com seus antecessores – em vários aspectos, inclusive no envolvimento com corrupção.

Um estudo recente demonstrou que, apesar de seis em cada 10 vereadores de Santa Catarina estarem em primeiro mandato (uma taxa elevada de renovação, portanto), grande parte dos parlamentares eleitos veio de famílias de políticos (45%), ocupou cargos de confiança nas prefeituras ou outras funções públicas (30%), foi dirigente de partidos políticos (31%) ou já havia exercido algum mandato (41%). Os dados são do Censo Legislativo Municipal Catarinense, realizado em parceria pela UFSC e pela Escola do Legislativo, da Assembleia Legislativa do Estado de Santa Catarina, entre 2013 e 2015. Participaram do levantamento 1.054 parlamentares, de 230 câmaras municipais (78% do total de casas).



JACQUES
MICK

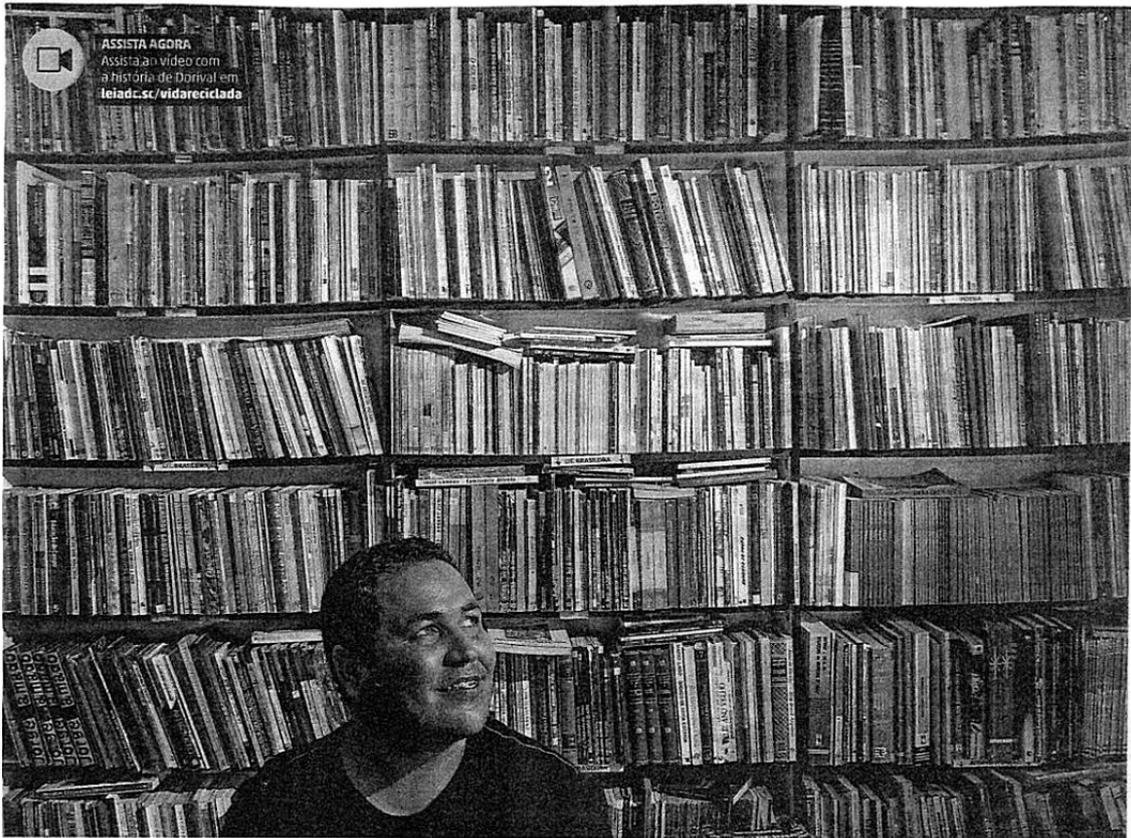
A pesquisa reforça as interpretações que têm apontado as imensas dificuldades para conquistar mandato encontradas por cidadãos com poucos vínculos com o campo político. São muito desiguais as condições eleitorais vividas por candidatos enraizados no sistema e por aqueles que dispõem de conexões sociais importantes – com movimentos ou organizações, religiões ou associações comunitárias, empresariais ou de trabalhadores, por exemplo –, mas não têm parentes na política, nem cargos públicos ou nas direções partidárias. O sistema político favorece quem tem vínculos com interesses econômicos, familiares, corporativos ou religiosos já nele representados.

Portanto, por mais que o seu desejo de renovação seja autêntico, ele esbarra a cada pleito nas regras do jogo fixadas pelo próprio campo político – refratário, logicamente, a mudanças profundas. Isso ajuda a explicar por que suspeitas de corrupção atingem até câmaras com vereadores em primeiro mandato: a renovação quase nunca é tão radical quanto parece, pela substituição de velhos conhecidos por novos nomes. E reforça a importância de uma (sempre improvável) reforma política. Quer conhecer outros resultados do censo? O relatório completo está disponível em goo.gl/HWY7H.

Jornalista, professor do Programa de Pós-Graduação em Sociologia Política da UFSC

Diário Catarinense
Capa
"De catador a doutor"

De catador a doutor / Dorival Gonçalves Santos Filho / Lixão / São Paulo /
Doutorado em Linguística / UFSC



DE CATADOR A
DOUTOR

Dorival Gonçalves Santos Filho passou a maior parte da infância ajudando no sustento da família como catador em um lixão no interior de São Paulo e aos 33 anos se prepara para concluir o doutorado em Linguística na UFSC. *Sua Vida* | 30 e 31

Diário Catarinense - Sua Vida "Vidas recicladas"

Vidas recicladas / Dorival Gonçalves Santos Filho / Vidas Secas / Graciliano Ramos / Lixão / São Paulo / Doutorado em Linguística / UFSC / Universidade Federal de Santa Catarina / Piedade / Guerra e Paz / Liev Tolstói / Bolsa Família / Literatura / Universidade Estadual Paulista / Assis / Mestrado em Linguística / Florianópolis / Heronides Moura / Lyon / França / Ex-catador



A história de Dorival Gonçalves Santos Filho se cruza com a relatada por um de seus livros prediletos: *Vidas Secas*, de Graciliano Ramos. Como a epopeia do sertão, o menino crescido num lixão no interior de São Paulo foi perseverante e resgatou dos entulhos essa e outras obras que o incentivaram a estudar. Hoje, prepara-se para concluir o doutorado em Linguística na UFSC

Nem herói, nem coitado. Apenas uma pessoa visível". Desse jeito simples e direto que Dorival Gonçalves Santos Filho se define. Ele poderia intitular-se professor, mestre, doutorando na Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC). Poderia começar se apresentando como ex-catador de lixo, que já fora miserável. Mas a história dele, hoje com 33 anos, não segue cronologia convencional nem estereótipos. Ele ostenta apenas visibilidade, renegada durante os 15 anos em que a maior parte dos seus dias passou no lixão em Piedade, no Estado de São Paulo. Por isso, sente-se como um dos personagens de *Vidas Secas*, do alagoano Graciliano Ramos. Em ambas as histórias, a degradação humana ganha contornos próprios. Na caatinga nordestina, o tesouro era a chuva. No lixão, a recompensa era encontrar cobre. Mas diferente do que se espera, é fora da ficção que a reviravolta acontece. E foram os livros que tornaram isso possível.

“Miudinhos, perdidos no deserto queimado, somaram as suas desgraças e os seus pavores (...) Naquele tempo o mundo era ruim”

Capítulo I
Vidas Secas

As lembranças de quando Dorival começou no lixão se resumem a uma cena: em uma mão carregava a madeira e pela outra era guiado pela

irmã mais velha enquanto ultrapassava sacos de plástico com o dobro do seu tamanho. Aos quatro anos, os pequenos olhos verdes observavam a mãe tirar o sustento da família do descarte alheio. São lampejos da infância pobre na cidade de Piedade, de pouco mais de 50 mil habitantes e a 90 quilômetros da capital paulista.

A atividade se incorporou de vez à rotina quando Dody, como é chamado pelos amigos, completou seis anos. Para ajudar na renda da casa, o pequeno se juntou à mãe e às duas irmãs mais velhas, uma com oito e a outra com 10 anos, na coleta de recicláveis. Mas a matriarca era taxativa: todos deveriam ir à escola. O menino acordava de madrugada, caminhava por duas horas até chegar ao lixão e, à tarde, mergulhava nos livros.

Na volta da escola, não perdia a oportunidade de catar mais materiais por onde passava. Às vezes, coincidia com a casa de um colega. No dia seguinte, vinha a represália.

– Eles zombavam: “Eu já conversei com a minha mãe e não queremos mais você fugando no lixo de casa”. Mas era coisa de criança, não era para humilhar – resigna-se Dorival.

Mesmo com as unhas encardidas, os cortes nas mãos provocados pelos cacos de vidro e sem conseguir disfarçar o cheiro de chorume, o menino frequentava as aulas. No quinto ano, com a dificuldade de conciliar a dupla jornada, passou para a turno da noite. Insistiu por mais três anos e, apesar da resistência da mãe, incorporou-se às estatísticas da periferia da cidade e largou a escola. Mas Dorival voltaria à sala de aula sete anos depois.

“O voo negro dos urubus fazia círculos altos em redor dos bichos moribundos. Voavam sempre, não se podia saber donde vinha tanto urubu. (...) Ele nunca tinha ouvido falar em inferno. Não aceitava que um nome tão bonito servisse para designar coisa ruim”

Capítulo I, p. 10

No lixão, os trabalhadores tinham um código próprio. Lá não eram catadores. Assumiam ali a função de garimpeiros. O valor do tesouro dependia da cotação do material encontrado no ambiente hostil. Cobre era chamado de ouro, alumínio era a prata. Às vezes, Dody chegava a juntar R\$ 50 por semana “com muito esforço”. Dali saía boa parte das roupas e do material escolar que usavam, além dos presentes para os sobrinhos e até móveis da casa simples que a família habitava. Um garimpeiro ajudava o outro a procurar o que precisava para o dia.

– Nós, as centenas de cães abandonados, e os urubus éramos um só. A gente fazia parte daquela paisagem – lembra o rapaz, que mesmo assim carrega no semblante um ar de inocência.

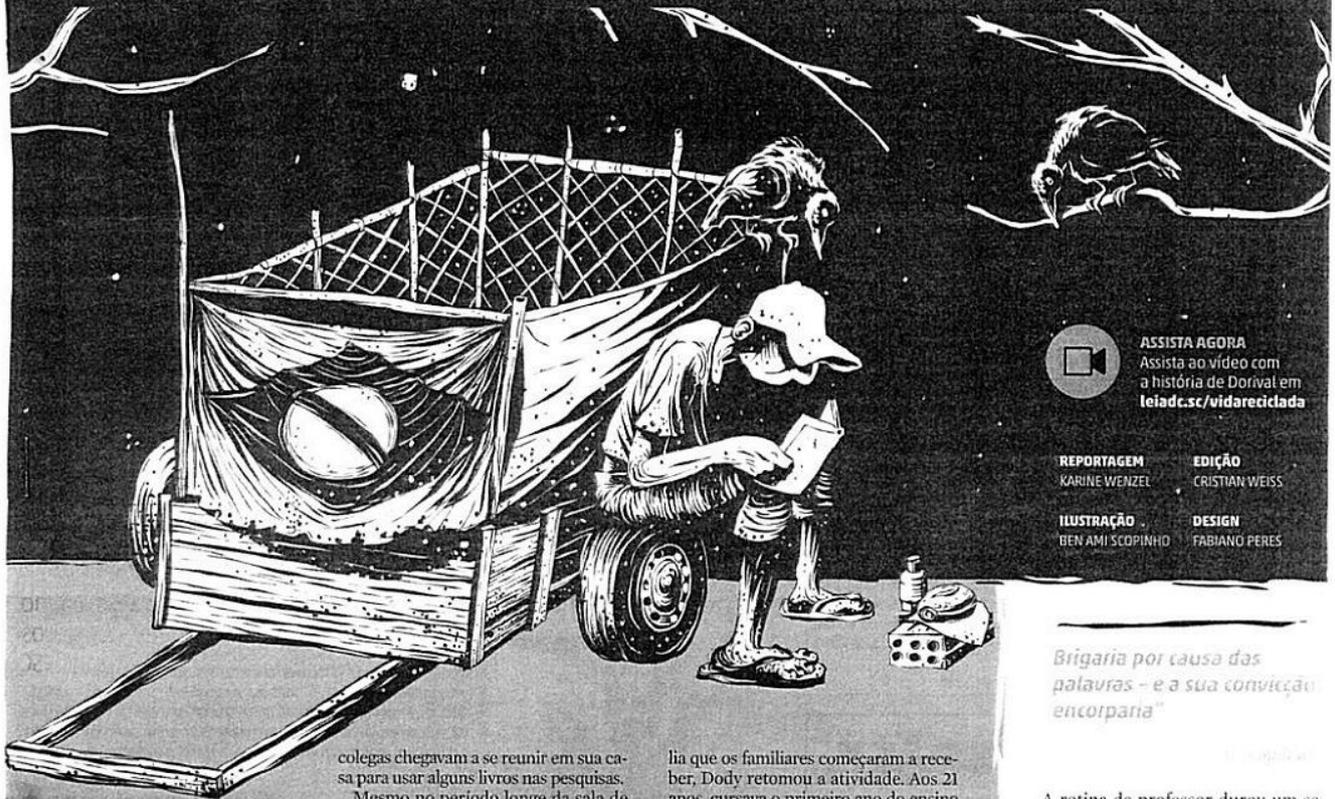
Tanto se incorporavam ao horizonte que era comum caminhões de lixo por pouco não atropelarem os garimpeiros. Eram invisíveis num ambiente inóspito.



Dorival disputava comida com urubus. Hoje, a batalha é concluir o doutorado na França

Abandono de animais e pessoas se drogando completavam a cena. Em *Vidas Secas*, a família de nordestinos tenta escapar da aridez da caatinga. No lixão, os catadores tentavam desviar dos sobrevivos dos urubus na disputa por comida: – A gente dependeu muito tempo de comer o que achava no lixão. Eu tinha que disputar com um pedaço de pau a comida com urubus e cachorros. Essa história de meritocracia é tão furada. E muito egoísmo pensar isso. Como eu iria competir com o outro que tinha café da manhã em casa? – questiona.

A resposta viria mais tarde, desvendada entre as páginas de 3 mil livros.



ASSISTA AGORA
Assista ao vídeo com
a história de Dorival em
leiad.c.sc/vidareciclada

REPORTAGEM
KARINE WENZEL

EDIÇÃO
CRISTIAN WEISS

ILUSTRAÇÃO
BEN AMI SCOPINHO

DESIGN
FABIANO PERES

*Brigaria por causa das
palavras - e a sua convicção
encorpada*

**Como podiam os homens
guardar tantas palavras?
Era impossível, ninguém
conservaria tão grande
soma de conhecimentos.
Livres dos nomes, as coisas
ficavam distantes, miste-
riosas. Não tinham sido
feitas por gente. E os indi-
víduos que mexiam nelas
cometiam imprudência.**

Capítulo 1
A mãe de Dorival, Dona Grélia, mes-
mo tendo concluído só a quarta série e
sustentado a casa na falta do marido, de
quem se separou, reservava tempo para
a leitura com os pequenos. Para Dorival,
o filho do meio, lia as revistas em qua-
drinhos achadas no lixo. Assim, quando
ele tinha seis anos já sabia ler e conside-
rava os livros, que encontrava em meio
ao ouro e a prata do garimpo, um tesou-
ro. Separava cada obra, independente
do estado de conservação, e trazia no
final do dia envolta em saco plástico. Li-
vros didáticos, infantis, revistas em qua-
drinhos e clássicos da literatura mun-
dial como *Guerra e Paz*, de Liév Tolstói.
Em casa, guardava-os debaixo da cama
ou em estantes improvisadas. Acumu-
lou quase 3 mil livros pelo sonho de ter
a própria biblioteca. Depois da escola,

colegas chegavam a se reunir em sua ca-
sa para usar alguns livros nas pesquisas.

Mesmo no período longe da sala de
aula, Dorival continuava com as leituras
diárias. Dedicava pelo menos duas horas
por dia às páginas. Trocava qualquer ati-
vidade comum de criança pelas histórias.

- Tudo começou quando minha mãe
me ensinou a ler. Quando eu podia viajar,
sair do país lendo um livro jogado fora.
Isso me encheu de sonhos - confidencia.

Com a mudança de cidade da família,
desfizeram-se da maioria dos livros. Mas
cerca de 70 obras, as preferidas, ainda
estão guardadas. *Vidas Secas* é uma de-
las. Dody leu a obra várias vezes, pois
não compreendia o vocabulário compli-
cado, mas já se identificava com o sofrimen-
to e a jornada da família miserável. Na
ficção, a linguagem era entrave na
hora de expressar sentimentos e ideias.
Os personagens "soltavam palavras cur-
tas". Invejavam os que sabiam se comu-
nicar. Como defende o pesquisador Her-
menegildo Bastos, "a linguagem é um
problema em *Vidas Secas*, a linguagem
como consciência imediata do homem".
Na vida real, ela seria futuro, salvação.

**"Se aprendesse qualquer
coisa, necessitaria aprender
mais, e nunca ficaria satis-
feito. Pouco a pouco uma
vida nova, ainda confusa,
se foi esboçando".**

Capítulo 2

Depois de sete anos longe da escola,
Dorival teve a chance de voltar a estu-
dar. Com o alívio mensal do Bolsa Famí-

lia que os familiares começaram a rece-
ber, Dody retomou a atividade. Aos 21
anos, cursava o primeiro ano do ensino
médio com o irmão caçula de 14 anos.
Nas aulas, os professores se impressio-
navam com o conhecimento do aluno.

O plano do jovem era seguir os
passos da mãe, que conseguira um
emprego fixo como gari, função que
exerceu por 15 anos. Seu futuro come-
çou a se desenhar quando professores
sugeriram que cursasse letras devido
ao interesse por literatura. Na aula de
artes, o primeiro passo:

- Tinha uma professora da disciplina
que eu vi falando francês ao telefone.
Perguntei que língua ela tava falando,
achei lindo. Então ela me emprestou uns
livros básicos de francês.

Dorival seguiu a rotina intensa de es-
tudos. No vestibular, enfrentou três dias
de prova em Sorocaba. Como a mãe só
tinha dinheiro para o ônibus, teve que
fazer as provas faminto. Foi aprovado
no vestibular em Letras (licenciatura em
português e francês) da Universidade
Estadual Paulista (Unesp).

Levou os 70 livros preferidos na ma-
la e deixou para trás o lixão rumo a As-
sis, cidade distante 400 quilômetros de
onde morava. Para se manter durante a
faculdade, trabalhava de manhã em uma
lavanderia e à noite cuidava de um idoso.

Quando se formou, em 2010, foi para
Guaramirim, cidade com pouco mais de
35 mil habitantes no norte de Santa Cata-
rina, para onde a mãe, os quatro irmãos e
os sete sobrinhos haviam se mudado. Lá
começou a lecionar em escolas públicas:

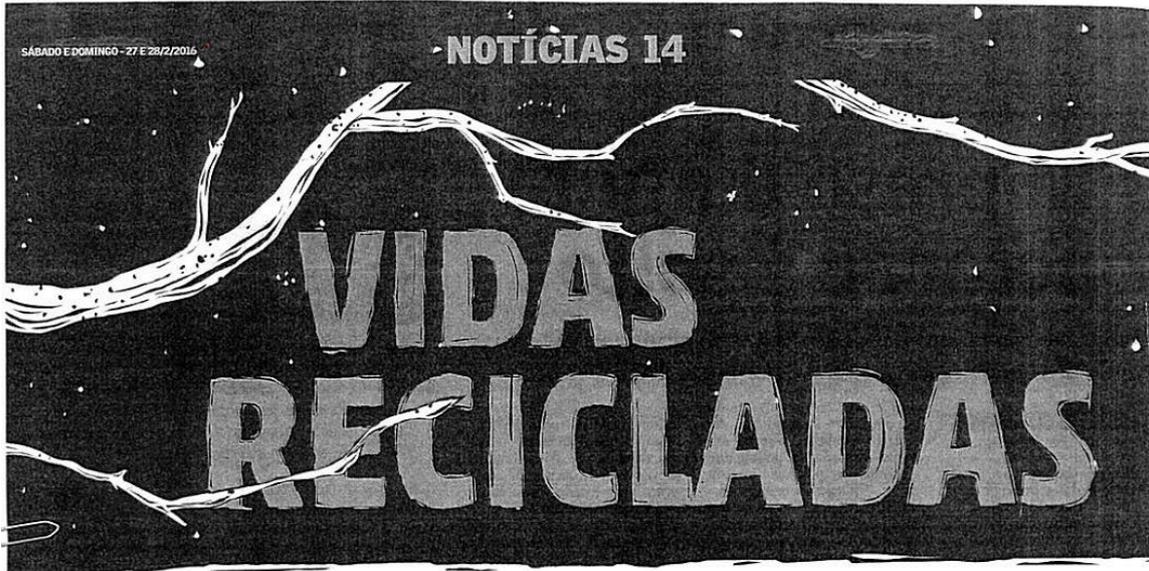
- Quando entrei numa sala de aula pe-
la primeira vez, tudo ficou girando, tive
que me conter bastante, quase não dava
para acreditar - recorda.

*"Naturalmente, conheço o
seu lugar. Ninguém tinha
culpa de ele haver nascido
com um destino ruim.
Podia mudar a sorte? Se lho
dissemos que era possível
melhorar de situação,
espantar-se-ia"*

A Notícia - Notícias

“Vidas recicladas”

Vidas recicladas / Dorival Gonçalves Santos Filho / Vidas Secas / Graciliano Ramos / Lixão / São Paulo / Doutorado em Linguística / UFSC / Universidade Federal de Santa Catarina / Piedade / Guerra e Paz / Liev Tolstói / Bolsa Família / Literatura / Universidade Estadual Paulista / Assis / Mestrado em Linguística / Florianópolis / Heronides Moura / Lyon / França / Ex-catador



A história de Dorival Gonçalves Santos Filho se cruza com a relatada por um de seus livros prediletos: *Vidas Secas*, de Graciliano Ramos. Como a epopeia do sertão, o ex-catador de um lixão no interior de São Paulo foi perseverante e resgatou dos entulhos essa obra e outros livros que o incentivaram a estudar. Hoje, prepara-se para concluir o doutorado na UFSC

Nem herói, nem coitado. Apenas uma pessoa visível”. Desse jeito simples e direto que Dorival Gonçalves Santos Filho se define. Ele poderia intitular-se professor, mestre, doutorando na Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC). Poderia começar se apresentando como ex-catador de lixo, que já fora miserável. Mas a história dele, hoje com 33 anos, não segue cronologia convencional nem estereótipos. Ele ostenta apenas visibilidade, renegada durante os 15 anos em que a maior parte dos seus dias passou no lixão em Piedade, no Estado de São Paulo. Por isso, sente-se como um dos personagens de *Vidas Secas*, do alagoano Graciliano Ramos. Em ambas as histórias, a degradação humana ganha contornos próprios. Na caatinga nordestina, o tesouro era a chuva. No lixo, a recompensa era encontrar cobre. Mas, diferente do que se espera, é fora da ficção que a reviravolta acontece. E foram os livros que tornaram isso possível.

Miudinhos, perdidos no deserto queimado, somaram as suas desgraças e os seus pavoros (...) Naquele tempo o mundo era ruim”

Capítulo 1
Vidas Secas

As lembranças de quando Dorival começou no lixão se resumem a uma cena:

em uma mão carregava a mamadeira e pela outra era guiado pela irmã mais velha enquanto ultrapassava sacos de plástico com o dobro do seu tamanho. Aos quatro anos, os pequenos olhos verdes observavam a mãe tirar o sustento da família do descarte alheio. São lampejos da infância pobre na cidade de Piedade, de pouco mais de 50 mil habitantes e a 90 quilômetros da capital paulista.

A atividade se incorporou de vez à rotina quando Dody, como é chamado pelos amigos, completou seis anos. Para ajudar na renda da casa, o pequeno se juntou à mãe e às duas irmãs mais velhas, uma com oito e a outra com 10 anos, na coleta de recicláveis. Mas a matriarca era taxativa: todos deveriam ir à escola. O menino acordava de madrugada, caminhava por duas horas até chegar ao lixão e, à tarde, mergulhava nos livros.

Na volta da escola, não perdia a oportunidade de catar mais materiais por onde passava. Às vezes, coincidia com a casa de um colega. No dia seguinte, vinha a represália.

– Eles zombavam: “Eu já conversei com a minha mãe e não queremos mais você fuçando no lixo de casa”. Mas era coisa de criança, não era para humilhar – resigna-se Dorival.

Mesmo com as unhas encardidas, os cortes nas mãos provocados pelos cacos de vidro e sem conseguir disfarçar o cheiro de chorume, o menino frequentava as aulas. No quinto ano, com a dificuldade de conciliar a dupla jornada, passou para a turno da noite. Insistiu por mais três anos e, apesar da resistência da mãe, incorporou-se às estatísticas da periferia da cidade e largou a escola. Mas Dorival voltaria à sala de aula sete anos depois.

“O voo negro dos urubus fazia círculos altos em redor dos bichos moribundos. Voavam sempre, não se podia saber donde vinha tanto urubu. (...) Ele nunca tinha ouvido falar em inferno. Não acreditava que um nome tão bonito servisse para designar coisa ruim”

Capítulos 1 e 6

No lixão, os trabalhadores tinham um código próprio. Lá não eram catadores. Assumiam ali a função de garimpeiros. O valor do tesouro dependia da cotação do material encontrado no ambiente hostil. Cobre era chamado de ouro, alumínio era a prata. Às vezes, Dody chegava a juntar R\$ 50 por semana “com muito esforço”. Dali saía boa parte das roupas e do material escolar que usavam, além dos presentes para os sobrinhos e até móveis da casa simples que a família habitava. Um garimpeiro ajudava o outro a procurar o que precisava para o dia.

– Nós, as centenas de cães abandonados, e os urubus éramos um só. A gente fazia parte daquela paisagem – lembra o rapaz, que mesmo assim carrega no semblante um ar de inocência.

Tanto se incorporavam ao horizonte que era comum caminhões de lixo por pouco não atropelarem os garimpeiros. Eram invisíveis num ambiente inóspito.

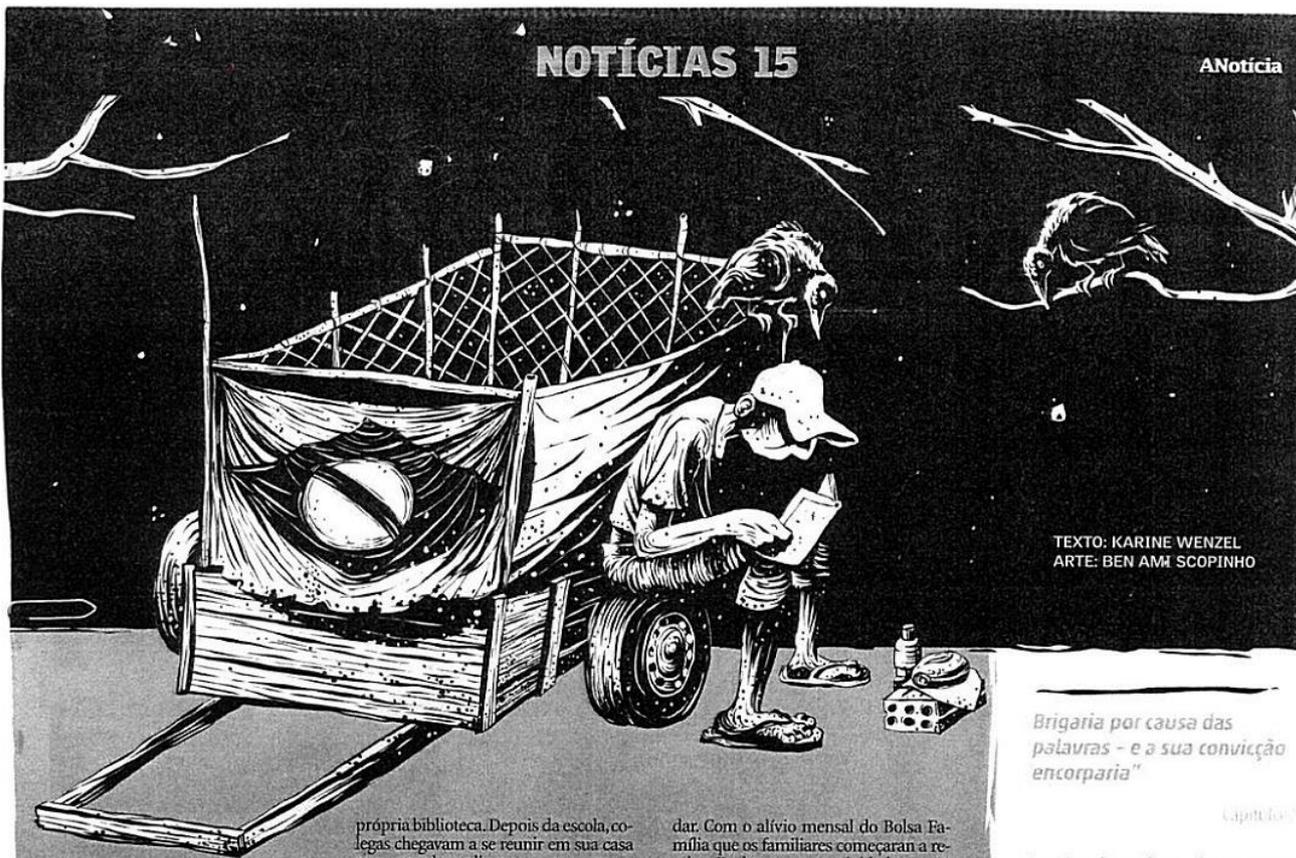


Dorival disputava comida com urubus em um lixão. Atualmente, a batalha é pelo pós-doutorado na França

Abandono de animais e pessoas se drogando completavam a cena. Em *Vidas Secas*, a família de nordestinos tenta escapar da aridez da caatinga. No lixão, os catadores tentavam desviar dos sobrevoos dos urubus na disputa por comida:

– A gente dependeu muito tempo de comer o que achava no lixão. Eu tinha que disputar com um pedaço de pau a comida com urubus e cachorros. Essa história de meritocracia é tão furada. É muito egoísmo pensar isso. Como eu iria competir com o outro que tinha café da manhã em casa? – questiona.

A resposta viria mais tarde, desvendada entre as páginas de 3 mil livros.



TEXTO: KARINE WENZEL
ARTE: BEN AMI SCOPINHO

Brigaria por causa das palavras - e a sua convicção encorparia"

Capítulo 10

Como podiam os homens guardar tantas palavras? Era impossível, ninguém conservaria tão grande soma de conhecimentos. Livres dos nomes, as coisas ficavam distantes, misteriosas. Não tinham sido feitas por gente. E os indivíduos que mexiam nelas cometiam imprudência".

Capítulo B

A mãe de Dorival, Dona Crelia, mesmo tendo concluído apenas a quarta série e sustentado a casa na ausência do marido, de quem se separou, reservava tempo para a leitura com os filhos. Para Dorival, o filho do meio, ela lia as revistas em quadrinhos achadas no lixo. Assim, quando ele tinha seis anos já sabia ler e considerava os livros, que encontrava em meio ao ouro e à prata do garimpo, um tesouro. Separava cada obra, independente do estado de conservação, e trazia no final do dia envolta em saco plástico. Livros didáticos, infantis, revistas em quadrinhos e clássicos da literatura mundial como *Guerra e Paz*, de Liev Tolstói. Em casa, guardava-os debaixo da cama ou em estantes improvisadas. Acumulou quase 3 mil livros pelo sonho de ter a

própria biblioteca. Depois da escola, colegas chegavam a se reunir em sua casa para usar alguns livros.

Mesmo no período longe da sala de aula, Dorival continuava com as leituras diárias. Dedicava pelo menos duas horas por dia às páginas.

Tudo começou quando minha mãe me ensinou a ler. Quando eu podia viajar, sair do país lendo um livro jogado fora. Isso me encheu de sonhos - confidência.

Com a mudança de cidade da família, desfizeram-se da maioria dos livros. Mas cerca de 70 obras, as preferidas, ainda estão guardadas. *Vidas Secas* é uma delas. Dody leu a obra várias vezes, pois não compreendia o vocabulário complicado, mas já se identificava com o sofrimento e a jornada da família miserável. Na ficção, a linguagem era entrave na hora de expressar sentimentos e ideias. Os personagens "soltavam palavras curtas". Invejavam os que sabiam se comunicar. Como defende o pesquisador Heremegildo Bastos, "a linguagem é um problema em *Vidas Secas*, a linguagem como consciência imediata do homem". Na vida real, ela seria futuro, salvação.

"Se aprendesse qualquer coisa, necessitaria aprender mais, e nunca ficaria satisfeito. Pouco a pouco uma vida nova, ainda confusa, se foi esboçando".

Capítulo 2

Depois de sete anos longe da escola, Dorival teve a chance de voltar a estu-

dar. Com o alívio mensal do Bolsa Família que os familiares começaram a receber, Dody retomou a atividade. Aos 21 anos, cursava o primeiro ano do ensino médio com o irmão caçula de 14 anos. Nas aulas, os professores se impressionavam com o conhecimento do aluno.

O plano do jovem era seguir os passos da mãe, que conseguira um emprego fixo como gari, função que exerceu por 15 anos. Seu futuro começou a se desenhlar quando professores sugeriram que cursasse letras devido ao interesse por literatura.

Tinha uma professora da disciplina de artes que eu vi falando francês ao telefone. Perguntei que língua ela tava falando, achei lindo. Então ela me emprestou uns livros básicos de francês.

Dorival seguiu a rotina intensa de estudos. No vestibular, enfrentou três dias de prova em Sorocaba. Como a mãe só tinha dinheiro para o ônibus, teve que fazer as provas faminto. Foi aprovado no vestibular geral de letras (licenciatura em português e francês) da Universidade Estadual Paulista (Unesp).

Levou os 70 livros preferidos na mala e deixou para trás o lixo rumo a Assis, cidade distante 400 quilômetros de onde morava. Para se manter na faculdade, trabalhava de manhã em uma lavanderia e à noite cuidava de um idoso.

Quando se formou, em 2010, foi para Guararimir, cidade com pouco mais de 35 mil habitantes no norte de Santa Catarina, para onde a mãe, os quatro irmãos e os sete sobrinhos haviam se mudado. Lá começou a lecionar em escolas públicas.

Quando entrei numa sala de aula pela primeira vez, tudo ficou girando, tive que me conter bastante, quase não dava para acreditar - recorda.

A rotina de professor durou um semestre. A vontade de aprender mais persistia e queria seguir com a pesquisa. Inscreveu-se no mestrado em linguística da UFSC, em Florianópolis, no qual ingressou em 2011. Com a orientação do professor Heronides Moura e uma bolsa de estudos, defendeu a dissertação em 2013. Nessa época, o orientador soube da história de Dorival, a mais impressionante nos 24 anos de experiência do docente na universidade. O aluno sério e tímido raramente fala sobre sua trajetória no ambiente acadêmico. O orientador ressalta que ele nunca usou isso para obter vantagem e é extremamente focado.

Mesmo com a mudança, Dorival sente uma angústia ao ver um catador de lixo pelas ruas da capital catarinense.

Quando eu vejo, eu fico triste da minha impotência. O que eu posso fazer é não deixar invisível. Eu cumprimento, eu sento e converso.

Atualmente, Dorival está na metade do doutorado da UFSC, que deve concluir em 2018. Depois, ele planeja fazer a outra parte do curso em Lyon, na França. Para o futuro, almeja ser professor universitário.

"Ninguém tinha culpa de ele haver nascido com um destino ruim. Podia mudar a sorte? Se lhe dissessem que era possível melhorar de situação, espantar-se-ia"

Capítulo 10

Notícias do Dia - Turismo

“Oásis afloram no deserto das dunas”

Oásis afloram no deserto das dunas / Lagos / Chuva / Lagoa da Conceição / Praia da Joaquina / Uberlândia / Sílvio Cabral / Curitiba / Douglas Silva / Angela da Veiga Beltrame / Curso de Geografia / UFSC / Universidade Federal de Santa Catarina / Biodiversidade / Restinga / Vento sul / Vento sudeste / Magnus Voges / Denise Bunn / Sabiá / Maçarico / Trinca-réis / Tico-tico / Gavião / Coruja buraqueira / Parque Natural Municipal das Dunas da Lagoa da Conceição / SNUC / Sistema Nacional de Unidades de Conservação / Pinus / Praia da Joaquina / Ponta das Garças / Campeche / Morro das Pedras / Mar Grosso / Praia das Dunas / Pesca / Conservação ambiental / Avenida das Rendeiras / Avenida Osni Ortiga / Instituto Route / Simão Felipe Pedro / El Niño



Turismo
EDITOR: Edson Rosa e Fabio Gadotti | fabio.gadotti@noticiasodia.com.br | @ND Online

Parece miragem. Lagos formados pela chuva criam nichos verdes entre a Lagoa e a Joaquina

EDSON ROSA
editores@noticiasodia.com.br
@NDonline

Mineiros de Uberlândia, os amigos Raphael Bernardino, 31, e Sílvio Cabral, 23, assim como o casal de Curitiba Alme e Douglas Silva, 26, todos em férias neste resto de verão na ilha, nada têm em comum. Tampouco com a professora Angela da Veiga Beltrame, 53, da geografia da UFSC (Universidade Federal de Santa Catarina), coordenadora de projeto de extensão sobre as características biogeográficas do conjunto de dunas fixas e móveis que separa a Lagoa da Conceição do mar grosso da praia da Joaquina.

Diferenças e conhecimentos à parte, os turistas de fim de temporada concordam com a visão acadêmica. “Este lugar é especial. A paisagem é espetacular e a biodiversidade, incomum”, resume Angela, que aponta plantas adaptadas à água lado a lado com espécies que brotam no solo árido ou aquelas específicas do ambiente de restinga. “São dois extremos climáticos bem definidos”, explica. “O que falta é sinalização e informações turísticas e científicas”, diz Aline.

Nem todos sabem, por exemplo, que a vegetação brota em temperaturas que variam de 15°C a 18°C, no inverno, e 26°C 30°C no verão, durante o dia. As chuvas em geral são bem distribuídas, com variação média entre 1.500 e 1.700 milímetros por ano. “O clima favorece ao desenvolvimento da vegetação. Mas, outros aspectos naturais tornam o ambiente árido, e plantas precisam se adaptar para sobreviver”, afirma Angela.

Entre estes aspectos, a professora destaca os ventos sul e sudeste que sopram do mar e podem chegar a 80 km/h. “Causam forte impacto da areia na vegetação”, diz. A temperatura da areia exposta ao sol, em torno de 60°C, a pobreza de nutrientes orgânicos indicada pela coloração da areia sem húmus no solo seco, a umidade do ar 25% abaixo do registrado na mata atlântica e a salinidade marinha sobre as folhas e areia são outros fatores que interferem no desenvolvimento das plantas.

Em 2006, cartilha produzida com base em pesquisas de Magnus Voges e Denise Bunn lista 28 espécies da restinga, entre rasteiras, arbustos e arvoretas. Algumas frutíferas, nem todas apreciadas pelas aves – entre eles, sabiá, maçarico, trinta-réis, tico-tico, gavião e a desconhecida coruja buraqueira.

A mesma cartilha sugeriu à prefeitura um mapa de zoneamento para reordenar as atividades humanas na área do Parque Natural Municipal das Dunas da Lagoa, em fase de adequação ao SNUC (Sistema Nacional de Unidades de Conservação). Há preocupação, por exemplo, com a dispersão descontrolada de pinus, os impactos do surfe na areia e das caminhadas sem guias – exemplo da reativação de dunas em processo de fixação, acúmulo de lixo e pressão imobiliária no entorno.

Oásis afloram no deserto das d

Características. A temperatura da areia exposta ao sol, em torno de 60°C, e os ventos fortes que vêm do mar tornam ambiente árido

PARQUE MUNICIPAL DAS DUNAS DA LAGOA DA CONCEIÇÃO
Unidade de conservação ambiental

- Criação: Decretos 231/1988, 1.261/1975 e 213/1979.
- Finalidade: aproveitar as condições peculiares da paisagem natural para o adequado desenvolvimento de atividades educativas, de lazer e recreação.
- Área: 573 hectares.
- Principais acessos: avenidas das Rendeiras e Osni Ortiga, praia da Joaquina e Estrada Geral da Joaquina.

UM POUCO DE HISTÓRIA

Antigamente, a Joaquina era a Ponta das Garças, obviamente por ser ponto preferido de pesca destas grandes aves aquáticas. Também já foi Campeche, quando formava uma só comunidade pesqueira na faixa de areia até o Morro das Pedras. Mar Grosso foi um dos nomes

dados por causa da salinidade e das grandes ondulações de leste e sul. Praia das Dunas, quando seu principal acesso antes da especulação imobiliária era o mesmo areal branco. Descoberta para o surfe no início da década de 1970, o nome atual surgiu em 1975 envoltos em

misterios e lendas. Pode ter sido a filha do pescador, que atravessava as dunas em busca de Alberto, o amado desaparecido no mar no século 19. Ou a rendeira do século 18, que ensinou a arte de entrelaçar linhas às mulheres da vila e dava de comer aos pescadores de pouca sorte.

oram unas



Simulação da paisagem lunar

Exceto pelo riacho que serve de limite natural na borda sul do parque, quase paralelo à avenida Osni Ortega, não há cursos d'água perenes no interior das dunas. Espalhadas por toda a imensidão branca, que em alguns pontos simulam a paisagem lunar, as pequenas lagoas afloram do lençol freático e, abastecidas pela chuva, são temporárias. Elas afloram nos pontos mais baixos. Estão localizadas onde o relevo fornece mais proteção dos ventos fortes, e permitem variada distribuição de espécies vegetais, algumas aquáticas.

"As de pequeno porte se concentram nas bordas, ou seja, nas partes rasas, enquanto arbustos e arvoretas crescem no entorno e nas áreas abrigadas", diz a professora Angela Beltrame. Circundada por vegetação mais densa de arbustos que forma espécie de mata ciliar, a única lagoa permanente é a maior entre as tantas que são como oásis no meio das dunas.

Está localizada a sudoeste da área protegida pelo paredão sul do monte esbranquiçado usado para a prática do surfe na areia. "Esta mata ciliar se vale da proteção das dunas para crescer e formar a vegetação típica de brejo", explica. A variação climática e seus reflexos na vegetação de restinga das dunas são impressionantes.

A professora Angela Beltrame cita o exemplo das adaptações ambientais das plantas que predominam naquele ecossistema, como o predomínio de folhas pequenas e endurecidas pela cera que produzem para conter a desidratação. "Outras têm raízes curtas, desenvolvem líquens sobre troncos e galhos, preparadas para enfrentamento do estresse hídrico das áreas mais secas, pontos que lembram o ambiente desértico", explica a professora.

Geologia explica formação atual

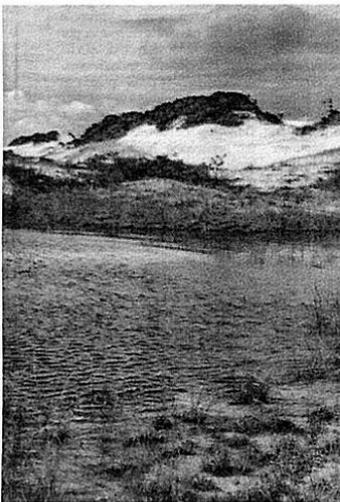
Pelos estudos geológicos, as primeiras dunas na costa da Ilha surgiram entre 120 mil e 18 mil anos atrás, quando o mar chegou a mais de 100 metros abaixo do nível atual. Ocorreu, então, a acumulação da areia, com surgimento das superfícies sedimentares e base da formação atual.

Num segundo período, entre 18 mil e 5.000 anos, o mar atingiu até três metros e meio acima do nível do mar, mantendo submersa grande parte dos sedimentos que formaram as primeiras dunas. É só a partir de 5.000 anos, o mar se nivela aos moldes atuais, ocorrendo mais acumulação.

Lento, este processo resulta na formação arenosa atual, conhecida principalmente por pesquisadores, ambientalistas e turistas. Contornadas pelos lagos que afloram em períodos chuvosos e trechos de restinga, trilhas estreitas são atalhos para surfistas em busca das ondas da praia da Joaquina.

Ou, simplesmente, por quem não se cansa de caminhar sem pressa pela imensidão de areia, entre a lagoa e o mar aberto. Entre eles, o coordenador do Instituto Route, Simão Felipe Pedro, 31, para quem as dunas estão, literalmente, nos fundos de casa.

"O El Niño desta temporada foi generoso, choveu bastante. Os lagunhos permaneceram cheios o tempo todo, e em alguns deu até para mergulhar e nadar", diz. Em novembro e dezembro de 2015, segundo observações dele, a maior parte das piscinas naturais atingiu mais de metro de profundidade. "Um oásis escondido de quem passa lá fora. Ou, para quem costuma viajar mais distante, parece uma das faces da lua inundada por pequenos lagos de água cristalina e refrescante", brinca.



FOTOS: MARCO ANTONIOLINO



Turistas. Os amigos Raphael e Silvio e o casal Douglas e Aline elogiam a paisagem e a biodiversidade peculiar



O QUE PREVÊ A LEI E NÃO É CUMPRIDO

- Uso público compatível com a preservação do patrimônio natural, constituindo-se de estudos científicos, mantendo-se intactos todos os elementos naturais;
- Atividades de recreação e lazer ao ar livre, em locais previamente

autorizados;

- Serviço de vigilância compreende instalação de equipamento de pequeno porte com esta finalidade;

- Delimitação de corredores traçados sobre as partes menos

frágeis das dunas, destinados à circulação de pedestres e à prática de equitação controlada, excluídas em qualquer hipótese as zonas de regeneração, estudos e pesquisas;

- Eliminação da vegetação exótica invasora que prolifera nas dunas, principalmente pinus e eucaliptos.

Notícias veiculadas em meios impressos, convertidas para o formato digital, com informações e opiniões de responsabilidade dos veículos.

CLIPPING DIGITAL

Notícias dia 27/02/2016

[Painel do Leitor - Especialista comenta o uso de peixe contra larvas do Aedes aegypti](#)

[Revista Pesquisa Fapesp » Inovação](#)